

ACERVO CAPIROBA: UM ESTUDO (DA) E (SOBRE) A OBRA UBALDIANA (1968-2008)

Doutoranda Eliane Maria de Oliveira Giacon¹ (UNESP/UEMS)

Resumo:

O título refere-se primeiro a acervo e não arquivo porque os dados coletados e o material documental não são únicos, pois foram publicados em diferentes meios impressos e digitais; segundo o nome advém do personagem do romance Viva o povo brasileiro (1984), que faz referência à antropofagia, no sentido dito por Oswald de Andrade. As fontes de documentais foram recolhidas da obra de João Ubaldo Ribeiro e sobre a obra do escritor. Como gênese de um processo de arquivo e acervo, a literatura toma a análise documental nos últimos anos, a fim de organizar os referenciais da produção e da crítica dos escritores, que contribui ao final para um estudo literário genético. O trabalho apresentado pretende demonstrar o percurso e a contribuição pelo viés do arquivo/acervo para os estudos ubaldianos.

Palavras-chave: Acervo; Ubaldo; Fontes

Introdução

O alvo de uma pesquisa deve começar pelo título, que embora nasça quase no final do trabalho, desde os primeiros instantes ele está ali como a espera da tua decisão. E chega um momento que você não escapa daqueles olhinhos miúdos que mais parecem um coelhinho esperando uma cenoura. Chegou um momento que não deu mais e surgiu o título e seus parâmetros: *ACERVO CAPIROBA: UM ESTUDO SOBRE A OBRA UBALDIANA, O MERCADO EDITORIAL E A PRODUÇÃO UNIVERSITÁRIA (1968-2008)*. Parecia um bom título, pois definia o trabalho, o corpus e o referencial teórico. Mas ainda tinha um grande problema: como a proposta era publicar na *WEB* na Biblioteca de Teses da UNESP, era muito longo e ao final, ele ficou *ACERVO CAPIROBA: UM ESTUDO (DA) E (SOBRE) A OBRA UBALDIANA (1968-2008)*. Fechado, mas o leitor deve estar se perguntando, o que é “Capiroba”, “Ubaldiana” e as datas ente 1968-2008. Capiroba é um personagem e *Viva o povo brasileiro* (1984) de João Ubaldo Ribeiro. Respondida a questão sobre o termo “ubaldiana”. E as datas? A primeira obra de Ubaldo *Setembro não tem sentido* saiu em 1968, o que corresponde até setembro de 2008 a 40 anos.

No sentido geral, uma obra depois de publicada torna-se a cada ano, a cada movimento sócio-histórico da humanidade uma “obra aberta” no sentido de que paulatinamente os artigos, prefácios, orelhas de livros, resenhas, teses, entrevistas compõem a fortuna crítica, que tece uma trama, da qual observar, selecionar e organizar os fios é um trabalho sem receita pronta, do qual cada pesquisador cria outra obra de arte.

O estudo sobre obra ubaldiana de 1968 até 2008 passou por fases, que foram delineadas por vários críticos, contudo e apesar de inúmeras formas utilizadas por pesquisadores, a nossa constituirá num trabalho capaz de reunir dados da recepção crítica, que extrapole o contexto primário da publicação, mas se estenda a outros níveis como o da crítica universitária e de uma

crítica paralela, que atravessa as entrevistas do autor, nas quais sempre os entrevistadores tentam retirar de João Ubaldo uma “autocrítica sobre seu trabalho.

As expectativas geradas pelo mercado editorial brasileiro no período descrito acima se comporta no sentido de calcular a rentabilidade das publicações, pois “prognóstico do mercado é importante para o cálculo dos livros. Quanto mais numerosa for edição tanto mais racionalmente poderá comprar-se papel e produzir-se o livro [...] O mercado deve tornar-se incalculável e suscetível de planejamento como a produção; [...]” (WELLERSHOFF, 1970, p.46), numa lógica, que após os anos da Ditadura de 64 desembocaria na década de 80, na qual o escritor direcionou boa parte da produção literária brasileira em função do mercado editorial.

O trabalho do pesquisador em arquivos e acervos pode parecer a princípio como sendo cansativo, contudo ao nos depararmos com inúmeras possibilidades dessa forma de pesquisa, chega-se a formulação de que são nas traças e nas tranças da produção da recepção, que se escondem as respostas para muitas perguntas sobre a Literatura Brasileira.

1 O Livro de Ubaldo

Caso raro na Literatura Brasileira, como por nossas colocações é possível perceber, que estamos diante de um escritor aclamado por todas as críticas, dentro e fora do país, cuja fortuna crítica atravessa os limites do Brasil, num efeito de sentido que muito agradaria Santiago Nunes Ribeiro, que no século XIX, defendeu uma nacionalidade da Literatura Brasileira no ensaio “ Da Nacionalidade da Literatura Brasileira” publicado pela *Minerva Brasiliense* (1843), em cujo texto abriga o ideário crítico da época, que abriu caminho para uma literatura nacional.

Santiago Nunes Ribeiro divide a História da Literatura Brasileira não segundo o contexto histórico, mas de forma quantitativa em três períodos. O primeiro do Descobrimento até o início do século XVIII, o segundo da publicação de Cláudio Manuel da Costa até o ano de 1830, cujo período de transição é marcado pela poesia dos padres Caldas e S. Carlos. O terceiro período, no qual Nunes vivia, vai de 1830 até o momento presente(1843).

Não é sem propósito que Santiago aparece aqui, não porque iremos fazer uma divisão diferente da História da Literatura Brasileira, visto que muitos já o fizeram como José de Alencar, Silvio Romero, Antônio Cândido, Alfredo Bosi, entre outros. O que chama a atenção é justamente os critérios utilizados por cada um, visto que, nessa altura da tese estamos vivendo um dilema, pois a princípio a idéia era selecionar cinco textos de cada tipo de crítica publicados em livros, revistas científicas, jornais, revistas da mídia e *WEB*. Até que essa proposta parecia boa, só que a seleção crítica foi feita, mas muitos textos não foram contemplados e que estão citados nos livros teóricos acima estudados sobre JUR. Havia uma outra situação: Zilá Bernd divide a produção ubaldiana em três fases, do ponto de vista temático- formal, mas há outra divisão formulada por João Luiz T C Ceccantini em *Cadernos Literários* (1999), que mais se aproximava do nosso projeto, pois para ele a “ primeira fase” de SNTS até VR podia ser considerada como de engajamento; a “ segunda” voltada para a cristalização temática e inovação formal.

Após a leitura dessas duas propostas, surgiram muitas dúvidas, até que foi possível perceber que há determinados saltos na produção ubaldiana, não no sentido de melhoria ou não do seu trabalho, como a palavra “ salto” possa sugerir, mas como um conjunto de circunstâncias, que fazem com que o escritor venha se aproximando cada vez mais de uma literatura, que quanto a temas e linguagem sofre um amadurecimento, todavia a roupagem sofre uma acomodação ao mercado editorial, sem contudo, que haja uma ligação estreita entre o momento histórico das obras e o contexto enunciado-enunciação.

Se SNTS, é representativo de uma data histórica marcada por uma geração, que longe do eixo Rio-São Paulo, toma para si o dever jornalístico e intelectual de encontrar uma brecha para expor as suas idéias sobre as mudanças que o mundo estava passando, logo se por um lado Glauber Rocha utiliza o cinema, por outro Ubaldo elege o romance, visto que, no primeiro caso, o cinema brasileiro não era tão apreciado como as super produções de Hollywood; no segundo o livro, naquela época e até o meio da década de 1980, chegava a uns 2% da população brasileira. Não representando, portanto, um perigo para a Ditadura de 64, o que não se aplicava a jornais e revistas, de onde saiu o jornalista JUR.

Tomado pela crítica de primeiras horas, nas palavras de Jorge Amado, SNTS fixa um marco de uma geração, cuja vida entre leituras das obras de Shakespeare, Homero, Swift, Marx, Hengel e o confronto com a realidade do mundo, faz Ubaldo produzir um texto, que embora considerado por ele em cartas a Glauber Rocha, como nada significativo, a obra permanece por força da crítica dos artistas e do contexto histórico. Zilá Bernd considera que muito do Ubaldo das outras fases, estaria lá plantado.

O romance novamente é o veículo privilegiado e não só por ele, outros nomes exercem politicamente a sua cidadania por um veículo, que sempre que o mundo está num momento de crise, ele aparece. Assim foi na Revolução Francesa, século XVIII e nas ditaduras do século XX. O personagem Getúlio age, segundo as regras de seu mundo arcaico, contudo o novo, que lhe é apresentado como sendo os novos tempos, vem envolto em morte, mentira, falta de responsabilidade política, corrupção e um poder descentralizado, no qual a decisão pode ou não partir do chefe, mas é executada por uma gama de subordinados, que compõem um poder paralelo.

Em VR(1979), o peso da ditadura por fatores externo e internos começava a relaxar, contudo a devastação educacional, midiática, financeira e institucional realizada por influência direta dos EUA, era irremediável, pois tudo que era nacional era desprezado; a geração de Ubaldo estudou disciplinas no Clássico, que se não existiam no Colegial da década de 1970 e 1980, estavam sucateadas com rótulos tecnicistas. A mídia como um todo aprendeu a jogar o jogo do poder, as instituições caíam em descrédito, enfim o homem dessa época angustiado e procurando algo novo, como uma nova forma de governo é exemplificado em Argemiro, quando luta pela sua terra. Argemiro, personagem moldado com muita didática, com uma narração espetacular.

A esse período, que com Ceccantini consideramos de engajamento, sem, contudo ser panfletário, elencaremos alguns textos para discussão. O critério principal é que todos sejam escritos nesses onze anos de vida literária de JUR.

[...] No jovem romance brasileiro as incursões antiacadêmicas têm sido raras. Estão todos ainda apegados a um naturalismo descritivo, com receio de cair no plano mesmo da 'visão', da invenção e do improviso no bom sentido. O automatismo narrativo de Miller e do brasileiro Jorge Mautner, por exemplo, podem dar ao nosso escritor jovem as constantes para a sua libertação. Não queremos que os imitem, mas que possam, pelo menos, vislumbrar caminhos! [...] O romance de estréia de João Ubaldo Ribeiro, *Setembro não tem sentido*, apresentado por Glauber Rocha, pode-se inscrever nessa faixa de pesquisa e de não compromisso com o acadêmico e a tradição. Ele de fato vem dessa linhagem, Miller, Kerouac, Mautner, impondo a sua própria visão social e estética. Nessa linhagem podemos observar, também, o descomprometimento com o que chamamos de invenção, no plano, podemos dizer, onírico da criação. Estes autores estão todos muito preocupados com uma certa linguagem parajornalística, e os casos narrados são antes descrições de 'motivos' e

de ‘temas’ que não chegam à formulação definida de ‘enredo’. /Na verdade, este não interessa muito, com suas ‘facilidades’ de engodo, de ‘prender leitor’ [...]. ¹(p. 135)

Assis Brasil considera o livro de JUR inovador, pois há o experimentalismo de SNTS, rompe com a tradição acadêmica de textos naturalistas descritivos com uma linguagem que não preocupa-se em prender a atenção do leitor. A linguagem anunciada como parajornalística, que pertence a uma linhagem de Miller, Kerouac e Mautner, coloca, segundo o crítico, o primeiro livro do escritor como herdeiro de três nomes, que representavam naquele momento, uma posição contrária ao movimento repressivo, que assolava o mundo.

De Jorge Mautner autor de *O vigarista Jorge e as letras do Compasso* (1965), há o estilo despojado, mas antes de tudo a ligação com um grupo de novos escritores, que a princípio trabalhavam em jornais, o que influenciou uma linguagem espelho da sociedade. Pois eles, ao escreverem romances, trabalham com formas mais livres e espontâneas de escrever sem parar para pensar e formular frases como ocorre com Jack Kerouac no livro *On the road* (1957), ou na narrativa com caráter caótico, excêntrica e perplexa da trilogia *Sexus, Plexus, Nexusi*(1953) de Henry Miller. Os mecanismos linguísticos, propiciam o caos do texto, refletem o tempo histórico de uma sociedade mergulhada num processo de desordem, que somente pela desordem da linguagem, acredita-se que é possível reorganizá-la.

Se os outros escritores citados seguiram esse caminho vanguardista, conseguindo reconhecimento de sua obra no limiar no último quarteto do século XX, isso não ocorreu com JUR, que seguiu outra vertente, pois SG apresenta-se com uma linguagem expressiva e eivada de detalhes, que ao rendeu ao escritor a alcunha de “Herdeiro de Vieira”.

Há mais um texto de Jorge Amado do mesmo ano, que figura no capítulo Inventário Crítico dessa tese, cujo teor assemelha-se a uma resenha crítica apresentando o jovem escritor, contudo a opção por esse texto de Assis Brasil vem ao encontro de uma das características que acompanhará a análise da prosa ubaldiana, que ora é feita por comparação com outro escritor, ora necessita de teóricos dos mais diversos que a sustentem.

Não é possível saber se o problema é a obra do autor, que não possui elementos inovadores ou os trabalhos universitários(artigos, dissertações e teses), que perderam o poder de uma retórica inovadora, e caíram infelizmente na era da reprodutividade virtual, na qual o analista ao apoderar-se de uma citação, apodera-se também dos elementos estruturais, inclusive os lexemas.

A crítica desse período sobre a obra ubaldiana ou é feita por artista ou pelos primeiros professores das universidades, que começam a escrever sobre SG a partir de uma leitura de cunho ideológico-discursivo, que mesmo não havendo a citação de teóricos do pós-estruturalismo é possível perceber que as leituras são calcadas nessa vertente. O texto significativo desse período, é de Cleunice Mourão²

¹ ASSIS BRASIL. “A liberdade na ficção moderna. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 08.09.68.

² MOURÃO, Cleunice. “O silêncio da ideologia em Sargento Getúlio”, **O Galo: Suplemento Literário** n.624, 16 /09/ 1978.

No universo romanesco, a escolha de uma determinada estrutura formal poderá constituir um dado sobre o posicionamento do autor referente aos problemas que expõe na obra. Essa estrutura formal reflete, a seu modo, a estrutura social e a representação do mundo segundo uma certa ideologia. Entre a estrutura formal da obra literária e a estrutura social, estabelece-se uma relação espelhada. A posição ética do autor vai instalar-se justamente no termo *relação*. A estrutura da obra, como espelhamento de uma estrutura externa, não é nunca uma imagem refletida inocentemente: há nesse reflexo, uma propriedade que nos permite ver, na imagem, alguma coisa além dela mesma, ou seja, não se trata de uma relação direta, mas dialética, porque, se assim não fosse, a obra estaria duplicando inutilmente a realidade. (1978, p.1)

no qual, estão presentes posições quanto a ideologia e ao engajamento. Segundo a autora não são de nada inocentes as colocações de Getúlio, visto que a reprodução da realidade por si só não leva a nada, contudo se houver dialética entre a estrutura lingüística da obra e a representação do momento histórico, haverá indícios de engajamento. O engajamento do jornalista e escritor JUR, perpassa as ações de Getúlio: de homem, de torturador, de posição política, que ao expressar dúvida entre “Levo, não levo”, não representa apenas uma reprodução hamletiana, mas um momento de dúvida, que no início dos anos da década de 1970, assola os intelectuais brasileiros, que se encontram perdidos entre “Fico ou não fico”, pois parece que ler, pensar e falar tornaram crimes para o regime.

A segunda fase coincide com a publicação de *Viva o povo brasileiro* VPB (1984), num período, que JUR assume a profissão de escritor, logo escrever torna-se uma necessidade financeira e intelectual, e pode-se dizer sem ofensa nenhuma aos estudos machadianos, que Ubaldo em crônicas e conto sé semelhante a Machado de Assis, pois esses dois gêneros ladeiam seus romances. No caso específico de Ubaldo, ele por sua formação, discute questões relativas à política, o que deu origem ao livro *Política* (1981) reeditado em 1998 e utilizado em disciplinas de Ciência Política em muitas faculdades, inclusive na UnB e na PUC- Minas Gerais. Na biblioteca, o livro figura na seção de Política.

Como já foi dito por JUR sobre VPB, o editor dele pediu um livro, cuja leitura durasse mais do que o tempo de viagem entre a ponte aérea Rio-São Paulo, e foi nesse sentido, que desde 1982, Ubaldo começou a gestar uma obra com essa característica. Mas só essa não dava, pois se os livros publicados na década anterior eram geralmente de poucas páginas, o mercado desse período estava sendo invadido por uma literatura estrangeira fixada em figuras como Harold Hobbis, Sidney Sheldon, Ernest Hemingway, entre outros, que em edição de capa dura ou capa simples vinham atender a um público, que com a abertura política, nostalgicamente queria adquirir uma formação acadêmica dos anos de 1950-60. Havia chegado um momento propício, que coincidia também com *boom* do romance de extração histórica denominado em 1981 por Angel Rama de *novo romance histórico* na América Latina. Vive-se um momento de efervescência do livro com editoras colocando os escritores frente a frente com o público.

Os anos 1980 trouxeram consigo uma visão de que tudo devia ser resolvido de uma vez e no campo da educação, vários programas do governo federal, tentaram criar o hábito da leitura, principalmente na região Sudeste. Os livros infantis eram mandados para as escolas e as editoras enviavam livros infanto-juvenis para os professores.

A década propícia para o romance, despertou em Ubaldo a corrente infanto-juvenil, que o fez publicar *Vida e Paixão de Pandomar, o cruel* (VPPC) (1983), que até hoje no século XXI, consta do catálogo do governo federal, quando ele envia livros para as escolas públicas. É nos romances desse período, que duas características marcantes dos saltos, que falamos ocorre: em VPB (1984) a releitura da História Oficial, seja por polifonia, pastiche, o sagrado, a figura da

mulher, o negro, enfim qualquer uma das análises feitas até hoje, uma coisa é clara os personagens falam frente-a-frente com o leitor, o que faz com que a voz dos excluídos e dos torturados seja pronunciada por quatro séculos até 1972. Não seria por engano, que nessa data suspende a narração?

Não, pois o momento histórico mais intenso para os excluídos coincide com os 150 anos comemorados pela História Oficial de independência do país. É bom lembrar, que com a lei da anistia, que viria depois, mas estava sendo gestada nos idos de 1982-84, torturados e torturadores ficaram em pé de igualdade. A fórmula tida como muitos como maniqueísta com que JUR exalta as camadas populares(excluídos) em relação às elite brasileira seria uma forma sublinhar de um acerto de contas.

Após o sucesso de VPB e sua aceitação por todas as críticas, e tomado pela produção científica acadêmica como “ filho único de mãe solteira” como é possível verificar nos dados das teses de 1983-2007. Chega um momento em que um escritor profissional não pode parar, e Ubaldo solta SL (1989), ganha o mercado editorial, a mídia e a crítica jornalística, porque ele se assemelha muito aos *thrillers* americanos, que figuram entre as listas dos mais vendidos. Mas é importante lembrar mais dois pontos nesse caso: um referente ao estudioso JUR, que declinou nas páginas desse romance não só uma linguagem elaborada, mas também científica; outro, que ao mesmo tempo em que escrevia SL, ele traduzia o VPB para o inglês, o que lhe custou não só a questão lingüística como também da adaptação da obra VPB ao gosto dos americanos, acostumados com uma literatura sustentada por mistério, romance e aventura. O exercício só poderia resultar num livro como SL, que ao mesmo tempo em que trabalha a questão do mal. O mal (demoníaco) não aquele visto pelos olhos de Fausto, mas aquele que nasce de uma estrutura ancestral, que faz com que o homem contemporâneo justifique todos os seus atos contra a vida. O invólucro para essa temática utiliza a ficção científica, que prosperou na década de 1980 com filmes, que apostam no futuro como em *Blade Runner* e *De volta para o futuro*.

O livro de JUR, apostando no mercado internacional, preparava-se, em termos, para efetivar esse filão do mercado com um texto, que se voltava para a questão da experiência genética, entre homens e animais O que não era novo, visto que em 1896, H. G Wells publica *The island of Doctor Moreau*. No ano de comemoração de cem anos dessa obra, 1996, John Frankheimer lança um filme homônimo. A novidade, no texto ubaldiano, está no refinamento da temática, pois um sorriso pode significar muitos mais do que o mexer de lábios, se ele ocorre em seres, cuja estrutura física não permite os movimentos musculares da face. Seria uma interdição ao que a humanidade pode fazer com os genes, ou uma oposição à humanização pretendida pelos andróides de *Blade Runner*.

Desse período há um artigo, que explica de forma bem clara a mudança de posição do escritor e como a figura do escritor passou a ser requisitada, pois após a tradução de SG e VPB, abriu-se um espaço para no mercado internacional, enquanto isso, aqui, parecia que o Brasil queria ler pela literatura a sua história recente E isso não é de estranhar, pois os livros mais vendidos desse período são os não-ficção, que versam sobre a Ditadura de 64 como é o caso do livro *O que é isso companheiro*(1980) de Fernando Gabeira e o livro *Brasil nunca mais* de Paulo Evaristo Arns. O período para a ficção nacional só irá melhorar na década seguinte.

O caminho anunciado e assumido por Ubaldo foi o de escrever por dinheiro, no qual se mantém até hoje, o que lhe situou entre dois pólos: por um lado a necessidade de estar na mídia para vender o seu produto, o faz escrever constantemente, pois só assim ele não cai no ostracismo; por outro os estudos literários das universidades foi sacralizando-o em nome de uma literatura primeiro como engajada, segundo como tipologia de novo romance histórico e terceiro como análise do discurso e dos marcadores lingüísticos.

Encerrar um período pode ser um enlace para o próximo, contudo Ubaldo permanecerá os anos de 1990 centrado em outras praias como a televisão, o cinema e escrevendo suas crônicas. Constitui um período de solidificação de sua carreira, que culmina com a sua eleição para ABL em 1994. Escritor famoso, conhecido, vendendo na editora Nova Fronteira e destacando-se internacionalmente. Ocorre nesse período um salto muito grande, não na questão da figura do escritor ser confundida com sua obra, ou pelo fato dele ser um homem de mídia, mas pelo fato de que os dois três romances desse período, representam três experiências diferentes: *A vingança de Charles Tiburone*, embora ele diga que fez para os seus filhos, vem ao encontro das exigências do mercado editorial, cuja água ele já havia bebido; o segundo *O feitiço da ilha do pavão* (1997), o qual a princípio foi comparado pela crítica jornalística a *Viva o povo brasileiro*, vindo a figurar no *ranking* dos mais vendidos somente no sétimo lugar em janeiro 1998, o que rapidamente foi resolvido com o relançamento de seu livro *Política*, no meio do ano.

Um dos destaques no ranking Datafolha dos livros mais vendidos de janeiro é o novo romance do escritor João Ubaldo Ribeiro, "O Feitiço da Ilha do Pavão". É a primeira vez que ele aparece na lista desde seu lançamento no final de novembro. O livro ocupa o 7º lugar na categoria ficção. A obra do escritor baiano, autor de "O Sorriso do Lagarto" e "Viva o Povo Brasileiro", conta em prosa de forte tonalidade satírica as desventuras de personagens do século 18 em uma ilha imaginária na costa da Bahia. Na categoria não-ficção o destaque é "Auto-Engano", do economista Eduardo Giannetti, que estréia no ranking em 5º lugar. Não se trata, no entanto, de uma obra sobre economia, mas de um ensaio de cunho filosófico sobre o tema proposto no título, numa abordagem que abrange desde a neurociência até a análise da linguagem.³

O destaque dado à obra resume-se em apresentá-la literalmente como um produto, que semelhante a qualquer outro deve ser consumido, isso não é de se estranhar, pois a época é das grandes livrarias, que buscam um público acostumado a *best-seller* de escritores estrangeiros, que saem nas resenhas de revistas de grande circulação com elogios quanto ao seu conteúdo. Além disso, o período vê o surgimento de uma figura de Paulo Coelho, que com romances híbridos entre realidade e ficção, visto que seus livros misturam ficção com esoterismo e auto-ajuda, não poderia ser fórmula mais consistente. O mercado editorial do final do século "antenado" com as questões apocalípticas não perde um filão, voltado para questões místicas, que envolvem o que se chama popularmente de "Nova Era", na qual os mitos ancestrais anteriores ao cristianismo são revividos. Observando por esse lado, o livro *FIP de JUR*, não foge a regra, pois há os ingredientes necessários: realismo fantástico, racismo, feitiçaria, o famigerado Santo Ofício, belezas tropicais e sexo

. Que por falar em sexo, o próximo passo, que levará Ubaldo ao topo dos mais vendidos refere-se a obra *A casa dos budas ditosos* (1999), um livro extremamente curto, escrito segundo o autor por encomenda e em 15 dias, que responde a um mercado consumidor, de uma década na qual a "grande maioria dos títulos de autores brasileiros que constam entre os dez mais vendidos de cada ano durante a década de 1990 é composta de romances. Os livros de relatos curtos (contos, crônicas) também se fazem presentes[...] e do meio do mundo prostituto"⁴

³ AGENCIA DA FOLHA. "João Ubaldo entra no ranking". **Folha de São Paulo**: Caderno Mais, 01/02/1998.

⁴ REIMÃO, Sandra. "Os Best-sellers da ficção no Brasil de 1990-2000. Publicado nos Anais do XXIV Congresso da INTERCOM, Campo Grande-MS, 09/2001.

Nesse contexto CBD aparece uma obra, que responde a duas características desse período que fecha a década de 1990 e anuncia o novo milênio: texto curto, de leitura agradável e com temática do mundo prostituto. Com isso JUR irá dominar o *ranking* dos mais vendidos no Brasil e se tornar polêmico em Portugal, quando no ano 2000, duas redes de supermercado proibem a venda do livro lá. Enquanto isso cá, no ano de 1999 e o início do próximo século abrem perspectivas para uma literatura sexual, pornográfica.

Na terceira fase(1999-), quando a obra literária paulatinamente sai de foco em favor da figura do escritor, que agora é lido nas universidades e análises de suas obras estão presentes em colóquios, seminários, encontros, teses, entre outras topologias da academia. O que é explicável, pois há mais de uma década havia críticas à universidade, por ela ter se fechado em “torre de marfim” estudando somente autores consagrados anteriores a ditadura de 1964. Dessa forma, a academia “ sai do armário” e escolhe escritores, que na década de 1980, de uma forma ou de outra são contemporâneos como João Gilberto Noll, Nélida Pinõn, Antonio Torres, João Ubaldo Ribeiro .

O processo da substituição da obra pelo escritor(homem de mídia) ocorre lentamente nesse caso, pois na segunda de 1984 até 1998, a profissionalização do escritor culminou com a sua integração a um universo, no qual ele e sua obra tornar-se-ão mercadoria, logo as opções de produção em série, rápidas, o colocam em situação deficitário, pois o escritor JUR, cuja uma das características dos seus romances é a preocupação com a linguagem, não consegue saltar rapidamente na produção em série, de livros pequenos, os quais possam ser lidos por leitores como se fossem contos. Estranho comportamento inversamente proporcional a literatura estrangeira, que dominando o mercado nos últimos anos com livros caudalosos.

Nos anos seguintes, início do século XXI, há uma retração das editoras e muitas são associadas, fechadas ou compradas por outras. Novamente Ubaldo, em 2000, rende-se ao experimentalismo não quanto à forma ou linguagem, mas quanto ao meio de divulgação e lança o primeiro *e-book* do Brasil O escritor João Ubaldo Ribeiro rendeu-se à Internet. Seu mais recente romance, "Miséria e Grandeza do Amor de Benedita", será vendido a partir de junho no site Submarino. E só lá. "Miséria" será um livro virtual e não haverá como comprá-lo em livrarias.⁵ A novidade atraiu o escritor, que após dois anos escreveria *O Diário do Farol*(2002), voltando porém a forma impressa. O romance não estaria entre os mais vendidos, que fica aparente em um texto do crítico Ricardo de Mattos⁶

. O seu último livro, porém, mostra o quanto o autor pode fazer, ainda que o quarto final perca o ritmo e o desfecho seja inferior ao prometido, decaindo para uma mistura de Zíbia Gasparetto e Marquês de Sade (o marquês é citado nominalmente, inclusive). Ao ler as resenhas sobre o *Diário*, imaginei tratar-se de obra semelhante à *Memórias do Subsolo* (ou do *Subterrâneo*), de Dostoiévski, mas enganei-me. O autor russo criou um pateta antipático, ao qual falta um serviço mais consistente a ocupar-lhe a vida. O funcionário russo teria o Padre, um virtuoso do ódio, como ídolo, caso o conhecesse.

⁵ GRILLO, Cristina. “Ubaldo lança e-book Amor de Benedita” Jornal **Folha de São Paulo**, 15/05/2000.

⁶ MATTOS, Ricardo. “Diário do Farol de João Ubaldo Ribeiro” 15/08/2002 Disponível em <http://www.digestivocultural.com.br>. Acesso em 22/02/2008.

O resenhista ressalta dois pontos interessantes nessa terceira fase do escritor JUR: primeiro, quanto as suas crônicas, que na década passada versavam sobre o cotidiano, a ilha de Itaparica, seus moradores, a infância e outros assuntos, que foram motivos, que fizeram com que suas crônicas fossem apreciadas, pois o gênero, que tanta agrada aos leitores, funciona no interior do jornal como uma catarse, em meio a tantas notícias, que ao mesmo tempo em que mantêm o leitor informado, também lhe causam angústia e incômodo. Nos intervalos das crônicas, os leitores são aliviados. Um espaço privilegiado, que Ubaldo passou a utilizar como um palanque de oposição não importando, quem era o governo. Não que a fala deva ser repressiva ou censurada, mas se não há uma posição definida, como é possível uma crítica a governos A ou B. O segundo quanto aos resenhistas anteriores, que falavam da obra como um herdeiro da tradição romanesca de discutir questões relativas ao Mal, o que pela leitura efetuada não se confirma.

Enquanto isso, no mesmo período na crítica profissional-acadêmica ainda muitos artigos são publicados, na sua maioria há a presença da pesquisa sobre a obra VPB, que a

Consagração difusa de um lado, rejeição silenciosa de outro — ambas fizeram economia de argumentos. Se tivermos ainda em conta que esses dois lados se desqualificam um ao outro, teremos a base de um curioso resultado valorativo: Viva o povo brasileiro é, ainda hoje, um romance que parece estar ao mesmo tempo acima e abaixo da crítica. Não sei de outro livro, na literatura brasileira, que viva de maneira tão flagrante essa condição paradoxal. (p. 61)⁷

que torna a obra um patrimônio cultural, até pode-se dizer assim, pois a cada produção científica, mesmo repetindo fórmulas e características delimitadas em pesquisas anteriores, os textos científicos se repetem e sempre citam posições quanto a identidade, a religião, a releitura da História Oficial do Brasil e nos últimos tempos, após os estudos de Stuart Hall(2005) sobre a Diáspora Negra e as africanidades, abre-se um ponto, que já foi detectado desde as primeiras resenhas em 1984, mas que com outra roupagem apresenta novas possibilidades de análise. O não esgotar de análise deve-se a vários fatores: primeiro a necessidade da volta aos anos 1980, no intuito de resgatar um momento histórico, no qual a ética e as propostas de mudanças do país não haviam sido corrompidas; segundo mais no âmbito dos estudos literários, pois existe hoje uma base mais sólida para trabalhar a literatura contemporânea, o que faz com que os pós-graduandos sigam os passos de seus orientadores; terceiro porque o texto por si só colabora para sucessivas análises.

O JUR dessa terceira fase estreitou laços com todas as mídias(televisão, jornal, revistas, WEB, cinema, teatro), que contribuem para que seus livros, mesmo sendo reeditados, as suas crônicas sendo reunidas de tempos em tempos e outros autores recorrendo a fazer “ seletas” de seus textos. Uma coisa é certa, seu nome tornou-se sinal de vendas tanto para a sua antiga editora a Nova Fronteira, quanto para a atual a Objetiva.

Conclusão

⁷ PASTA JUNIOR, José Antônio “Prodígios de ambivalência: notas sobre João Ubaldo Ribeiro In **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, n. 64. 11/ 2002p 61-71.

A Literatura Brasileira dos últimos 40 anos passou por transformações extremas, as quais não nasceram de um projeto de construção de uma literatura nacional (Romantismo); de divergência de posições ante a influência estrangeira (Modernismo 1); de um romance engajado com temas locais (Modernismo 3), mas sim foram gestadas “em provetas” de acordo com tendências, que ora atendiam ao mercado editorial, ora nasciam do “bolor” da sociedade e rapidamente eram assimiladas pela indústria cultural do livro. Encasulada a produção literária desse período expandiu dentro de limites alguns limites, de tal forma que independente da vertente assumida pela obra literária, a sua dimensão reprodução não ultrapassa as bordas do casulo, nem tão pouco amadurecem ao ponto de romper o casulo e se tornarem borboletas, ou seja, fugirem dos estereótipos, que lhes são atribuídos desde a crítica de primeiras horas.

O panorama da literatura brasileira comportou algumas vertentes: a engajada; a do *roman noir* voltada para o tema da cidade; a dos *thrillers*; o romance de extração histórica; a dos contos e romances pornô-eróticos; a mística-auto-ajuda; a infanto-adulto-juvenil. De cada uma dessas vertentes há nomes a serem lembrados: da primeira Dalton Trevisan (conto) e Rubem Fonseca (contos e romances), da segunda João Ubaldo Ribeiro em *Sorriso do Lagarto*, da terceira Márcio Souza, Moacyr Scliar, Jô Soares e João Ubaldo Ribeiro; da quarta João Ubaldo Ribeiro e Hilda Hilst; da quinta Paulo Coelho e da sexta na qual incluem autores como Marco Rey, João Ubaldo Ribeiro, Tony Brandão, João Carlos Marinho, entre outros.

No caso específico de João Ubaldo Ribeiro foi possível perceber que ele é um daqueles escritores privilegiados pela crítica, em geral. Diga-se de passagem, não privilegiado no sentido de nunca ser criticado, mas de certa forma, há uma preocupação constante dos meios acadêmicos e midiáticos de organizar muitas obras que envolvam textos críticos sobre a sua obra.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, W. “A obra de arte na época de sua reprodutividade técnica.” In: LIMA, L.C.(org.) Teoria da cultura de massa. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.p(p. 221-256)

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Abril Cultural, 2000. Série Os Pensadores

HORKEIMER, M.; ADORNO, T. “O Iluminismo como mistificação de massa”. In: LIMA, L. C.(org.) Teoria da cultura de massa. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.p(p. 169-216).

REIMÃO, S. “Os best-sellers de ficção no Brasil, 1990/2000.” Anais do 24.o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Campo Grande/MS, setembro 2001 [CD-ROM]. São Paulo: Intercom/Portcom: Intercom, 2001.

WELLERSHOFF, D. “ Literatura, mercado e indústria cultural.” In Humboldt, n. 22, p (p. 44-48, 1970

¹Eliane Maria de Oliveira GIACON (Doutoranda) Nome por extenso da Instituição (SIGLA da Instituição)
UEMS- Curso de Letras Port./Inglês – Unidade de Nova Andradina- MS
e-mail – giaeconeliene@uems.br